

PAPERS N° 7

COMITÉ DE AÇÃO

AMP 2014-2016

Patricio Alvarez (EOL)

Vilma Coccoz (ELP)

Jorge Forbes (EBP)

Clara Holguin (NEL)

Clotilde Leguil (ECF)

Maurizio Mazzotti (coordenador) (SLP)

Nassia Linardou (NLS)

Responsável pela edição

Marta Davidovich (ELP)

Editorial

O que há de novo a caminho do Rio?

Jorge Forbes

Na estrada que nos leva ao Rio de Janeiro, esses Papers número VII, da Escola Una, vão fazendo seu trabalho de pavimentação de um caminho nem sempre suave. Sobre isso, interessante notar que em seu texto, **Sergio Caretto** escolhe nomear Jacques-Alain Miller, de batedor, de explorador da psicanálise. Alguém que avança sobre o terreno desconhecido desbravando novas possibilidades. Pensa que se um dia Miller, no ano 2000, com sua Teoria de Turim, convocou a “Escola Sujeito”, hoje, no Rio 2016, convoca a “Escola Falasser”. De uma a outra estaria a passagem da análise conduzida desde o efeito do sentido, para a análise conduzida ao furo no sentido. Passagem esta ilustrada pela análise pessoal do próprio Caretto.

Um dos pontos que mais têm apresentado discussão nestes Papers, a partir dos comentários da convocatória de Miller sobre o tema do próximo Congresso Mundial, é o conceito de “escabelo”. Nestes seis trabalhos aqui publicados, dois tratam especialmente de destrinchar o escabelo. O que é? Está antes do final da análise, ou após seu término? É sublimação? Mas se é, como está ligado ao narcisismo, e qual narcisismo? E por aí seguem os questionamentos.

Elisa Alvarenga, estudando dois passes, o de Ram Mandil e o de Jésus Santiago, ilustra que há dois escabelos distintos, antes e após o final da análise. Escreve que “em ambos os casos (clínicos) vemos que a castração do escabelo está ligada à destituição de uma fantasia fálica, onde está em questão um gozo masoquista, sacrificial.” Mas não bastaria “encontrar o gozo opaco do sinthoma, despojado da fantasia fálica. É preciso refazer o laço com o Outro e é aí que o escabelo reaparece (no final) como aquilo sobre o qual o falasser pode içar-se para fazer-se belo...”. Na mesma linha, lemos no artigo de **Angélica Marchesini** que “o escabelo conduz o Sinthoma ao estatuto de laço que o eleva ao modo de uma sublimação”. Ilustra com o Joyce estudado por Lacan, de como o escritor conseguiu a façanha de fazer a convergência do sintoma com o escabelo: “Joyce deu vida à sua literatura, de gozo opaco, e elevou seu objeto de arte sobre o escabelo”.

Comparando o cogito lacaniano com o cogito cartesiano, **Leonardo Gorostiza** apresenta a conclusão de seu trabalho, cuja primeira parte foi publicada no número VI destes Papers. Acompanha os passos do longo debate de Lacan com Descartes, para concluir que Lacan reintrojeta o corpo no cogito cartesiano, deixando sutilmente indicada uma questão fundamental, a saber: “o ponto de amarração que é precisamente esse mistério, o do corpo falante, o mistério da união da palavra e do corpo”, sobre o qual nossa clínica opera.

A incidência da palavra sobre o corpo está ilustrada em dois interessantes casos clínicos de crianças apresentados por **Gabriela Medin**. Ela antepõe a visão médica do corpo à compreensão psicanalítica e como a clínica psicanalítica avança sobre os impasses da medicina. O primeiro caso ilustra como um corpo é construído em uma análise; o segundo, como um corpo já constituído é retificado.

De forma diferente, agora a partir do cinema, **Dominique Carpentier**, comenta e analisa o filme *Shame*, dirigido por Steve McQueen (2011). É uma história de um adito sexual nova iorquino, alguém “encarcerado em um gozo Uno devastador”. Qual seria a

cura para esse tipo de gozo mortal que começa a proliferar em nossa época? Para não se perder no silêncio da pulsão sem limite, será que não seria indicado “acreditar um pouco no amor, isto é, nos poderes da palavra”?

Provocados pelos autores, a palavra passa aos leitores.

São Paulo, 25 do outubro de 2015

O explorador da psicanálise

Sergio Caretto

Explorador, assim gosta de se definir Jacques-Alain Miller na sua intervenção que abre os trabalhos para o próximo Congresso da AMP: O inconsciente e o corpo falante.¹

Explorator era um soldado do exército romano que, à diferença dos colegas *especulatores*, que se limitavam a observar os acontecimentos de maneira isolada, tinha a tarefa de fazer o reconhecimento do terreno para conhecer a posição e a força do inimigo, além da via e do lugar mais adequado para montar acampamento. O Explorador, desta vez adentra o ultimíssimo ensino de Lacan, começando pelo *Seminário 20, Mais, ainda*² e retomando, não por acaso, a “transferência residual”, que ele supõe estar na base da pergunta dirigida a ele pela comunidade analítica, para introduzir, a cada vez, há mais trinta anos, o tema do próximo Congresso da AMP. Uma transferência, portanto, reduzida ao osso, na qual o mestre já não é o amado *Sujeito suposto saber*, mas sim, como indica Lacan em 1972, o “não quero saber nada”³ e a suposição de que o que faz laço entre um e outro é, sobretudo, uma relação analítica diferente no que diz respeito ao seu próprio *não quero saber nada*. Este “não quero saber nada”, com o qual abre seu primeiro capítulo do *Seminário 20*, intitulado por Jacques-Alain Miller: “Do gozo”, remete à formulação usada por Freud no caso clínico *O homem dos lobos*⁴, a propósito da alucinação do dedo cortado, onde ele escreve que o paciente não queria saber nada da castração, no sentido de remoção.

Eis-nos, portanto, convocados, desde os primeiros passos da exploração de Miller, aos limiares não tanto disso que divide o sujeito e o situa como representado por um significante para outro significante, mas daquilo que faz furo na linguagem e do que o falasser pode partir, e fazer surgir um dizer inédito, consentindo com o analista e com a *Escola Sujeito*, não somente para “sair” e soltar-se como tal, mas também para conseguir dizer melhor aquilo que ele/ela faz em sua experiência, no sentido de decifrar retroativamente a lógica que a sustenta. Não por acaso, Jacques-Alain retoma aqui a questão do passe à luz do falasser, introduzida já em 2010⁵, para evidenciar como, no final de seu ensino, Lacan valorizara, no passe, mais a vertente do testemunho ligado à

1 J.-A. Miller, *L'inconscio e il corpo parlante*, wapol.org.it

2 J. Lacan, *Il Seminario Libro XX Ancora*, Einaudi, Torino 1982

3 *Ibidem*.

4 S. Freud, *Della storia di una nevrosi infantile (Caso clinico dell'Uomo dei lupi)*, in *Opere* vol. 7, Boringhieri, Torino 1973.

5 J.-A. Miller, *La passe del parlessere*, in *La psicoanalisi* n. 47-48, Astrolabio, Roma 2010.

urgência de satisfação encontrada no término de uma análise, do que aquela sustentada na emergência do desejo do analista no tratamento.

São, portanto, os testemunhos de passe, assim como aqueles relativos ao exercício da própria prática clínica, que fazem Jacques-Alain Miller dizer que, de fato, o analista lacaniano já se orienta hoje mais pela análise do falasser do que pelo inconsciente como saber a decifrar, operação que permite ampliar o horizonte de sua prática com e para além da diferenciação diagnóstica.

“Substituir” o inconsciente pelo falasser não quer dizer suprimir o inconsciente em sua estrutura significante, mas sim mirar o carço de real fora do sentido, no qual algo do gozo do sintoma, que não está tomado pela significação fálica, pode ser alcançado e, em parte, “estourado”.

Mais do que uma interpretação que decifra, trata-se de “manipulação interpretativa”⁶, uma interpretação reduzida a um dizer que, pela via do equívoco, consegue fazer furo no muro da linguagem e fazer ressoar no corpo a *lalíngua* daquele singular falasser.

Na minha experiência singular, este instante no qual o suposto sujeito se desvanece junto a seus objetos que obturavam o furo ao qual o Outro se reduzia, correspondia à emergência de um sopro vital inédito que atravessava o “corpo”, juntamente com um sopro de voz que ressoa em um meio vazio. Coloco aspas em “corpo”, por se tratar mais do corpo na sua armadura narcísica simbólica, tão cara ao obsessivo, do que do corpo-pergaminho, privilegiado para a inscrição dos significantes deslocados, como na histeria, que se presentificava mais como lugar temporário no qual o falasser podia acampar, pelo instante de um relâmpago, a certeza da sua existência. Certeza que não demandava mais tanto ser reconhecida pelo Outro, reduzido aqui a um furo, mas que exigia, sobretudo, passar novamente pelo Outro para diluir aquele deslumbramento louco, próprio ao passe do falasser. A análise lacaniana pode conduzir cada um a colher o próprio modo sintomático e singular com o qual o sujeito do inconsciente colocou, ou não, entre aspas o corpo do falasser, amordaçando-o na via do sintoma; inconsciente mentiroso, pois, como portador de uma verdade, recorda Lacan, só pode dizer-se pela metade.

Ao final da análise, poder-se-ia dizer que o sujeito confrontado com o que já Freud definia como “recalque primário”, com esse furo no qual não há significante que valha, pode agora consentir em deixar cair as aspas do Outro da palavra e da linguagem ao qual está alienado, e acolher no dizer o falasser que o habita, como efeito da incidência da *lalíngua* sobre o corpo.

Substituição esta que é acompanhada pela passagem do sintoma ao *sinthoma* e pela possibilidade de fazer um uso advertido, inventivo e inédito do resto de gozo que resta, uma vez que o sintoma tenha sido reduzido ao osso.

O relâmpago de nome *passe* é encontrado por acaso, assim como por acaso é destinado a passar, deixando, todavia, como escrita, uma marca indelével de sua indizível passagem; passagem que se deve refazer a cada vez, ainda, sem garantia alguma. Como nos ensina o explorador, não se pode distrair além da conta com o próprio passo, sob pena de fazer do acampamento uma cômoda fortaleza, analogamente àquilo que fizeram os pós-freudianos com a IPA: nunca mais Exploração.

6 J.Lacan, II Seminario Libro XXIII *Il Sinthomo*, Astrolabio, Roma 2006, p. 38.

O Explorador Jacques-Alain Miller, no fundo, é como se convocasse hoje a Escola Una, a sua *Escola Sujeito*, para esse passe do falasser, constatando-o melhor ainda, interpretando o tempo lógico em ato na nossa Escola. Por outro lado, tal interpretação chega após anos de trabalho em que a *Exploração* de Jacques-Alain Miller se orientou por aquilo que pode implicar para a prática, não menos que para a teoria psicanalítica, a concessão do inconsciente real na sua diferença com o inconsciente transferencial, diferença presente no ultimíssimo ensino de Lacan. As lições de 21 e 28 de março de 2007, sobre o inconsciente real⁷, apresentam de maneira sistemática o avanço de uma psicanálise sempre mais orientada a cernir o real de gozo que concerne ao falasser, a partir de uma interpretação que produz “efeitos de furo”, mais do que escolher a via dos “efeitos de sentido”, de sentido inconsciente que, vice-versa, alimenta o sintoma e procrastina ao infinito o tratamento.

Essa substituição do inconsciente pelo falasser não pode, todavia, reduzir-se ao efeito de uma metáfora “conseguida” através da operação do Nome do Pai, na qual um significante substitui outro, que cai sob a barra. De fato, está em jogo não somente o significante, mas também a letra. A questão é bem mais complexa: atuar além de dizer. Aquilo que está em jogo aqui é sobretudo alguma coisa que toca de perto a sublimação, na medida em que se trata de incidir sobre o gozo que está em jogo no falasser, gozo que, como lembra sempre Jacques-Alain Miller, no último ensino de Lacan, é colocado mais do lado do real do que do sintoma e, portanto, resulta ainda mais misterioso.

Para concluir, sendo Turim a minha cidade, mas também a cidade em que o Explorador, no ano de 2000, formulou a sua *Teoria de Turim*, sobre a *Escola Sujeito*, pergunto-me se o acampamento que hoje nos é proposto para relançar a pesquisa psicanalítica e a Escola em seu conjunto não levará um dia Jacques-Alain Miller a explorar e a nos propor, eventualmente, uma segunda teoria talvez, novamente, a partir do escabelo de Turim sobre *A Escola falasser*.

Tradução: Ana Paula Sartori Lorenzi.

Do escabelo ao sinthoma e retorno

Elisa Alvarenga

No seu argumento para o Congresso da AMP, Jacques-Alain Miller define o escabelo como o pedestal sobre o qual o falasser se ergue, sobe, para se fazer belo. O escabelo está do lado do gozo da fala que inclui o sentido, “gozo da fala que Lacan identifica, com audácia e com lógica, ao gozo fálico, desarmônico em relação ao corpo”⁸. Em contrapartida, o gozo próprio ao sinthoma exclui o sentido. Fazer uma análise seria, então, trabalhar a castração do escabelo para trazer à luz o gozo opaco do sinthoma,

⁷ Jacques-Alain Miller, *L'orientamento lacaniano, L'inconscio reale*, in *La psicoanalisi* n. 47-48, Astrolabio, Roma 2010.

⁸ MILLER, J.-A. “O inconsciente e o corpo falante”, in: www.congressoamp2016.com

enquanto fazer o passe seria jogar com o sintoma assim esvaziado, a fim de fazer dele um escabelo, sob os aplausos do grupo analítico. Mas há uma diferença entre o primeiro escabelo e o segundo, que os testemunhos dos AE nos permitem verificar.

Patricio Alvarez aponta, em *Papers 1*, a relação entre o escabelo e a fantasia, esclarecida por Miller em *Los signos del goce* e em *Sutilezas analíticas*. Assim, a “escabelastração”⁹ da qual Lacan fala em “Joyce, o Sinthoma” implica em uma destituição da fantasia fálica para revelar o gozo opaco do sintoma. Mas, por que, desmontado o escabelo da fantasia, o passe consistiria em fazer do sinthoma um escabelo? Para Miller, o passe assume o sentido de como fazer com o sinthoma e fazer o passe é um convite a fabricar sentido, mas “sentido que denota o sinthoma”. Não é a liberdade de um sujeito barrado, vazio, mas “a prisão do *parlêtre*”¹⁰. Esta prisão, penso, não é sem relação com a pergunta de Lacan, no final do Seminário 11, sobre como o sujeito vive a pulsão depois da travessia da fantasia. Ou sobre um saber fazer com o sintoma no final da análise, saber fazer com o impossível.

Eric Laurent, na sua aula sobre “Falar com seu corpo-escabelo”¹¹, explora a relação entre o escabelo e a sublimação: o pedestal sobre o qual o falasser se ergue é o que lhe permite “elevar-se à dignidade da Coisa”, tal como propõe Lacan no *Seminário 7, A ética da psicanálise*. O problema da sublimação consistiria em dar conta de como o gozo autoerótico da pulsão vai em direção ao desejo do Outro.

Miller, em seu argumento, diz que o escabelo é um conceito que traduz a sublimação freudiana em seu cruzamento com o narcisismo. Mas, trata-se de um narcisismo modificado, esclarece Laurent, na medida em que não se trata mais somente da imagem, mas da relação de crença que liga o falasser ao corpo. Narcisismo em que o corpo é idolatrado, em uma relação de desconhecimento particular.

No *Seminário 23, O Sinthoma*, Lacan diz que o falasser adora seu corpo porque crê que o tem. “Na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, bem entendido, pois seu corpo sai fora a todo instante”¹².

Um ano antes, em uma Conferência em Nice, Lacan enunciara que o homem ama sua imagem como o que lhe é mais próximo, mas não tem nenhuma ideia do seu corpo. Ele crê que é seu eu, mas esse corpo é na verdade um furo, e por fora há a imagem. Segundo Laurent, para Lacan o que vem primeiro não é a representação, a imagem, mas o corpo, marcado pelo trauma. O corpo é um furo e o falasser tenta encher esse furo com a crença. Se na época do *Seminário 7* Lacan instalava o lugar do gozo como um vazio e se interessava pelos objetos que o povoam, em 1975 temos primeiro o furo e depois a imagem, como primeira representação que faz barreira a esse furo. O escabelo condiciona no homem o fato de que ele vive do ser, ou esvazia o ser – *vit de l'être* ou *vide l'être*. O corpo é o furo, o *trouma*. O falasser tem seu corpo a partir do furo, é um ser de vazio.

⁹ LACAN, J. Joyce, o Sintoma, in: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 563.

¹⁰ MILLER, J.-A. *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires, Paidós, 2011, p. 162.

¹¹ LAURENT, E. Quarta aula do Curso “Parler lalangue du corps”, in www.radiolacan.com

¹² LACAN, J. *O Sinthoma*, Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 64.

Podemos verificar isso, de maneira particular, nos testemunhos de passe de dois AE, Ram Mandil e Jesús Santiago. Ram, com o vazio no saco, que não tem mais que ser preenchido como imperativo superegoico. Com o sintoma “ensacador de demandas”, ele procurava dar uma medida fálica a tudo que se apresentava como demanda do Outro. Através de sua fantasia, procurava converter a falta no Outro em objetos passíveis de ser “ensacados”. A fórmula “há um vazio em seu corpo e ele precisa ser preenchido” permite apreender a significação fálica dada a esse vazio. A interpretação do analista lhe permite perceber que é impossível ter a justa medida e que é justamente a partir do vazio que um corpo pode se estruturar. Emerge, então, a figura do saco vazio, que é da ordem de um sinthoma, que lhe traz satisfação¹³.

Ram explica que, na sua experiência, a abertura dos orifícios corporais foi vivida, no imaginário, como um encontro com a inconsistência corporal. O masoquismo pode ser um modo através do qual o falasser procura assegurar-se da consistência do seu corpo. Por mais aterrador que seja o modo de viver a cena fantasmática, seu corpo estava lá. O consentimento com um vazio inassimilável em seu corpo, a consideração da consistência corporal na perspectiva do não-todo, abre a possibilidade de extrair uma nova satisfação a partir desse vazio, ali onde a resposta fantasmática era a de fazer consistir um corpo pesado e mortificado¹⁴.

No caso de Jesús Santiago, temos a satisfação da pulsão que gera um oco e um vazio, que não tem mais que ser preenchido pelo sujeito como objeto sacrificial. “O escópico é um engodo que se serve do artifício fálico para mascarar que a natureza real da pulsão é seu oco, seu vazio intrínseco”. Essa natureza da pulsão tem a ver com a vida, enquanto as máscaras do falo disfarçam sua dimensão mortífera. O ouro da pulsão está no vazio, enquanto a tapeação da fantasia exacerba seu aprisionamento no gozo sacrificial¹⁵.

Para Jesús, a abertura ao amor exige o progressivo estreitamento do vazio pulsional. O sonho *Q*, inesquecível em sua experiência de análise, assume um peso importante na quebra da defesa fálica da fantasia. Neste sonho, vai mostrar a um colega a fórmula que encontrou para a solução do problema do masculino, mas encontra apenas folhas em branco com a “Fórmula Q”. Onde deveria estar a solução, depara-se com o vazio, e quando relata o sonho em análise, em francês, a fonação revela o essencial do que se trata: *formule cul*. Dá-se conta do investimento fálico entre a fantasia e a fonação. A fixação débil do fetichismo escópico da fantasia é abalada pela elucubração do saber do inconsciente e a enunciação provocada pela fonação torna possível a dissolução da falicização do orifício em nome do real inscrito no furo da pulsão¹⁶.

Em ambos os casos vemos então que a castração do escabelo está ligada à destituição de uma fantasia fálica, onde está em questão um gozo masoquista, sacrificial. E a escabelastração esvazia o ser e dá existência ao vazio, com uma nova forma de satisfação. Mas para fazer o passe não é suficiente encontrar o gozo opaco do sinthoma, despojado da fantasia fálica. É preciso refazer um laço com o Outro, e é aí que o

¹³ MANDIL, R. “O falo e o real (O que se torna o falo, no final?)”, in *Curinga 39*, Belo Horizonte, EBP-MG, 2015, p. 186-7.

¹⁴ MANDIL, R. “Lo que no cesa”, testemunho apresentado nas Jornadas da EOL em 2014.

¹⁵ SANTIAGO, J. “O nome, o oco e a fonação”, in *Opção Lacaniana 67*, São Paulo, 2013, p. 93.

¹⁶ SANTIAGO, J. “*Omnia vincit amor*”, testemunho apresentado no Congresso dos membros da EBP em abril de 2015.

escabelo reaparece como aquilo sobre o qual o falasser pode içar-se para fazer-se belo diante da comunidade analítica. Para Jésus, trata-se de consentir em ser o “tolo” de uma mulher, já que o amor implica viver a pulsão para além da ingerência da fantasia. Para Ram, trata-se da passagem da oblatividade, que implica uma mortificação do desejo, à generosidade, que significa dar o que não se tem.

Escabelo: o novo nome da sublimação

Angélica Marchesini

Em virtude do interesse crescente que ultimamente vem sendo dedicado ao tema do escabelo no que se refere a seu vínculo com a sublimação, decidimos nos perguntar por este enlaçamento que, a princípio, conecta dois conceitos que não são facilmente comparáveis. As contribuições de J.-A. Miller na Apresentação do X Congresso, mostram uma correlação entre a sublimação e o escabelo. Este último, segundo Miller, é um conceito transversal: traduz de modo figurado a sublimação freudiana, mas – esclarece – em seu entrecruzamento com o narcisismo.

Tal conexão não é simples. Quando na obra de Freud é feita referência à sublimação, é para ser assimilada a uma substituição, a um desvio. Assim é como Freud nos adverte: “...na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos assexuais mais elevados -sua ‘sublimação’ – destina-se a fornecer energia para um grande número de nossas realizações culturais”¹⁷. Naqueles casos em que se produz a transformação de uma coisa em outra, é quando “experimentou-se uma moderação do seu conteúdo, uma sublimação”.

Talvez seja na própria substituição que reside a força maior da sublimação. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud expõe o procedimento que consiste no desvio das forças pulsionais sexuais de suas metas e sua orientação em direção a novas metas, um processo que merece o nome de sublimação. Neste ponto, Lacan¹⁸ se interroga: “O que é, com efeito, a noção de sublimação colocada por Freud? Uma atividade sexual enquanto dessexualizada”. Quando Lacan diz que “ela pode esvaziar-se da pulsão sexual enquanto tal ou, mais exatamente, a noção mesma de pulsão, longe de confundir-se com a substância da relação sexual, é jogo do significante”, concluímos que a sublimação pode, assim, definir-se como uma redução a um puro jogo do significante, um jogo que nos levará a supor que alguém chega a se inserir no âmbito social, assim como também a encontrar seu lugar na atividade cultural. Mais tarde, em seu *Seminário 20*, Lacan esclarecerá tal relação ao dizer que “O significante mesmo é uma sublimação”.

¹⁷ Freud, S. “Fragmento da análise de um caso de histeria”. Ed. Imago, 1989, Rio de Janeiro, Vol. VII, *Obras completas*, p.53.

¹⁸ Lacan, J., Livro VI, *Seminário El deseo y su interpretación*. Ed. Paidós, p.535.

Falasser e escabelo

Cabe perguntarmo-nos de onde vem, então, a relação entre a sublimação freudiana e o escabelo, no que concerne aos finais de análise. Para Miller, o escabelo psicanalítico é a sublimação, afirmação que, contudo, para ele também está “fundada no *eu não penso* do *falasser*”. Esse *eu não penso* é a negação do inconsciente, através da qual o *falasser* se crê mestre do seu ser. Dessa forma, o *falasser* acredita ser mestre, é um presunçoso, outorga-se importância.

Miller indica que nesta vertente da sublimação, a única via que se abre ao *falasser* é fazer-se tolo do real, um real no qual se crê, ainda que não se comungue com ele.

Freud¹⁹ havia observado que certos traços do sujeito adulto seriam sublimações de prazeres infantis ou formações reativas contra eles. Neste ponto, vale recordar Miller²⁰, que ao referir-se à sublimação alude à metamorfose do objeto: Este objeto *a...* que Lacan pôde qualificar de sujeira” (...), “pode valer como soberano bem”. Para Miller, quando o gozo se apresenta como o objeto *a* da pulsão, oral, anal, escópico..., os objetos da sublimação estão ali incluídos²¹, uma lista que se estende para além dos objetos naturais e que abarca a totalidade dos objetos da cultura, ou seja, da sublimação.

Assim, pois, uma acepção do termo sublimação provém da alquimia, e explica a *transformação do vil metal em ouro puro*. Na estética, define-se como sublime a “elevação que representa uma fonte de emoção humana”. Nessa concepção, o sublime necessita ser levado à sua devida altura. É assim que elegemos um lugar elevado para a estátua de um Deus ou a de um herói.²² O sublime responde, assim, a um ideal de elevação.

Neste ponto, considero valioso ressaltar que em *O Ser e o Um*²³, Miller se refere à sublimação freudiana também em termos de elevação: “Só é permitido ao processo secundário desviar os processos primários para o que ele chama de *gostos mais elevados*, o que mais tarde ele (Freud) chamará de sublimação”.

Contudo, no momento em que Miller diz que o escabelo se entrecruza com o narcisismo, ele nos coloca diante de outra complicação. Quando Lacan pensava o atravessamento da fantasia como final, fazia-o como um atravessamento do narcisismo, entendendo que essa relação profunda com a imagem de si se interpunha à maneira de uma tela. Por isso, no que tange ao narcisismo, o escabelo não deveria ser a jaula do narcisismo na qual se encontram as ilusões imaginárias sedutoras do imaginário narcísico.

Sob esta perspectiva, Miller considera que o final de análise é colocar-se a pergunta “como posso ser compatível com a ordem do mundo?”²⁴ À primera vista, pareceria referir-se a outro narcisismo, um no qual os outros estão contemplados.

Em *Joyce o Sintoma*²⁵, Lacan postula que “o S.K.belo vem primeiro porque preside a produção de esfera”, antecede a constituição do eu especular. Nesse mesmo texto,

¹⁹Freud, S, “Caráter e erotismo anal”. *Obras completas*, Vol. IX. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1980.

²⁰Miller, J, A, *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Entre desejo e gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. p.69.

²¹Miller J.A., *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Ed. Paidós, Bs. As., p. 255.

²²Raymond B, *Historia de la estética*. Ed. Fondo de cultura económica, Mexico D.F., p.243.

²³Miller, J.A., *O ser e o Um*, inédito, aula 12, 11-5- 2011.

²⁴Miller, J.A., *Ib*, clase 10, 6-4- 2011.

afirma que o escabelo está condicionado pelo fato de que o homem tem um corpo, no qual sobrevém acontecimentos. Assim, o que emerge é um novo narcisismo, não mais em termos imaginários, mas referido a um corpo falante, nem imaginário, nem simbólico, mas vivo: este é o corpo afetado pelo gozo. Este corpo que fala, também goza. E nesse “corpo falante”, Miller compara dois tipos de gozos: o do corpo, que sustenta o *sinthoma*, e o da palavra, que conduz ao escabelo. Contudo, provavelmente o escabelo seja a sublimação na condição de falar, já que manejar as palavras é sublimar. É ali que se implica a sublimação, *tomando à palavra como forma específica de satisfação do corpo falante*.²⁶ E é esse gozo da palavra que nos leva ao escabelo.

Enquanto Miller define que sublimação é uma palavra sublime, em *Joyce o Sintoma* Lacan rebaixa a sublimação, denominando-a escabelo. O que resulta em que “o escabelo corresponde ao belo, à estética, mas rebaixada ao nível do sintoma. Nesse sentido, é o novo nome da sublimação.”²⁷

A castração do escabelo

Em sua apresentação, Miller assinala que analisar-se é trabalhar na castração do escabelo e, desta maneira, revelar o gozo opaco do sintoma. Se com o escabelo nos elevamos, e com o escabelo a *gente se acha*, cabe perguntar-nos de que se trata sua castração...

Do lado do gozo da palavra o escabelo inclui o sentido. O trabalho de castração poderia encaminhar-se, em vez disso, para silenciar o sentido e, dessa forma, dar lugar ao surgimento do gozo próprio do sintoma, que o exclui e é um gozo fora do sentido. O analisante fala e o analista corta, usa as tesouras, como sustenta Lacan. Com isso, conduz a uma zona fora de garantia.

Creio que é a partir disso que podemos pensar a expressão relembrar o valor da castração do escabelo: quando sabemos que ao efetuar uma psicanálise, estamos diante “um assunto de castração”.²⁸ O analista tenta operar sobre o escabelo do neurótico para, desta forma, ir na direção de castrar esse gozo da palavra.

Em 1998²⁹, Miller também relacionava o termo escabelo à fantasia, ao assinalar que o escabelo é aquilo que o homem pode montar para fazer-se valer, é outro nome da montagem da fantasia. A fantasia se revela assim como uma montagem, fazendo crer que a gente conserva uma relação ao Outro pelo traço do objeto. Talvez Miller tenha assinalado essa relação para referir-se ao escabelo neurótico em relação à fantasia. Será então o escabelo psicanalítico um escabelo com o qual voltamos a manter um laço com o Outro?

O escabelo conduz o *sinthoma* ao estatuto do laço que, como destacamos, eleva-o ao modo de uma sublimação. Assim, a façanha de Joyce é fazer convergir o sintoma e o escabelo. Joyce deu vida a sua literatura, de gozo opaco, e elevou seu objeto de arte sobre o escabelo. Ligado ao Outro, do lado do gozo da palavra, o que o escabelo quer

²⁵ Lacan, J. “Joyce o Sintoma”. In *Outros Escritos*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003. p.561.

²⁶ Miller, J.A. *Piezas sueltas*. Ed. Paidós, Bs. As., p. 91.

²⁷ Miller, J.A. *Ib.* p.92.

²⁸ Lacan, J. Seminário 20: *Mais, Ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.134.

²⁹ Miller, J.A. *Los signos del goce*. Ed. Paidós, Bs. As., p. 444

dizer é que a palavra é gozo. Miller³⁰ identifica-o com *o gozo do blablá*. Por sua capacidade de falar, o corpo não está ligado ao Outro, mas a seu próprio gozo. Fica ainda aberta a pergunta sobre o que resulta ao valer-se do sintoma para fazer-se um escabelo com ele.

Tradução: Paola Salinas

O cogito lacaniano e o corpo (Segunda parte)

Leonardo Gorostiza

O cogito e o corpo falante

Como se sabe, Lacan produziu numerosas variações do *cogito* cartesiano ao longo do seu ensino: “Penso ali onde não sou”, “Sou ali onde não penso”, “Ou eu não penso, ou eu não sou”, para citar algumas. Mas o que se constata é que – como bem destacou Marie-Hélène Brousse³¹ – Lacan vai operando cada vez mais, em direção ao final do seu ensino, uma reintrodução do corpo no mesmo lugar em que o *cogito* o havia expulsado. Deste modo, se Descartes funda seu *cogito* sobre a expulsão do corpo, vemos Lacan realizar progressivamente um movimento inverso. Ou seja, construir um *cogito* a partir do corpo, mas um corpo afetado pelo significante e não anterior a ele.³² É o que se deduz da fórmula “o significante é causa de gozo”, dimensão do significante estreitamente vinculada à definição que Lacan deu do sintoma a partir de Joyce: o sintoma como acontecimento de corpo.³³

Contudo, se consideramos a indicação sutil de Jacques-Alain Miller durante sua conferência preparatória para nosso próximo Congresso da AMP, talvez convenha explorar se Lacan não tomou do próprio Descartes o ponto de apoio para esta operação. Fazendo menção ao que Lacan disse um dia, que o “corpo falante” era um mistério, Miller assinala que “em Descartes, o que faz mistério, mas permanece indubitável, é a união da alma com o corpo.”³⁴ E sublinhando o que Descartes formulara em sua “Sexta meditação”, destaca que “Essa união, uma vez que ela concerne ao meu corpo, *meum corpus*, vale como terceira substância entre substância pensada³⁵ e substância extensa.”³⁶ Pelo que se comprova que “...a dúvida poupava também a união do *eu penso* com o corpo...”³⁷ Assim, logo após sublinhar que em suas *Meditações cartesianas*

³⁰ Miller, J.A., *El lenguaje aparato de goce*. Colección Diva, Bs. As., p. 178

³¹ Brousse, Marie-Hélène, “Variaciones sobre el *cogito*”, en *Filosofía<>Psicoanálisis*, Tres Haches, Argentina, 2005, págs. 87-103.

³² Miller, Jacques-Alain, *Sutilezas analíticas*, Paidós, Argentina, 2011, pág. 276.

³³ Lacan, Jacques, “Joyce el sintoma”, en *Otros escritos*, Paidós, Argentina, 2012, pág. 595.

³⁴ Miller, Jacques-Alain, “O inconsciente e o corpo falante”. In: *Silicet. O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016, p. 24.

³⁵ Talvez fosse mais preciso dizer aqui: “substância pensante”.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

Husserl afirma que esse “meu corpo” não é um simples corpo físico (o que corresponderia à substância extensa de Descartes), mas sim uma “carne” (*Leib*), “minha carne” (*meinen Leib*), que corresponderia “... ao que Descartes via como a união da alma e o corpo”, Miller pode concluir que o mistério cartesiano da união psicossomática para nós se desloca em direção ao mistério da união da palavra e do corpo, mas não mais no registro do imaginário e sim como um fato de experiência, que é do registro do real.³⁸

Neste contexto, é interessante que Husserl – ao indagar de que forma posso perceber o corpo do outro como “corpo orgânico”³⁹ sendo que o outro me aparece como um “corpo físico” – fale de uma “apreensão analogizante” que “remete intencionalmente a uma *instauração originária*”⁴⁰. Um modo de indicar, talvez, esse mistério da união da palavra e do corpo em sua dimensão real.

El pensamiento es goce

Certa vez, Jacques-Alain Miller demonstrou de que maneira as formidáveis passagens das Memórias do Presidente Schreber, onde descreve a experiência do que chama de “jogo forçado de pensamento”, constituem um exemplo paradigmático de como o significante afeta o corpo, ou seja, é causa de gozo⁴¹. Exemplo que no meu entender também permite verificar o novo *cogito* lacaniano introduzido na “Terceira” e do qual partimos.⁴²

Além disso, Miller também assinalava então que a neurose obsessiva, por seu lado, evidencia a tese de que o pensamento é gozo⁴³, um gozo que perturba a alma, que é aquilo que dá unidade imaginária ao corpo.

Percebe-se aqui um pequeno deslocamento. Porque não é a mesma coisa dizer que o pensamento é *causa* de gozo, do que dizer que o pensamento é gozo. O que está implicado neste pequeno deslocamento? A introdução da última variação produzida por Lacan sobre o *cogito* cartesiano que se encontra no *Seminário 23, O sinthoma*.^{44 45}

“O corpo – diz Lacan –, decerto não se evapora e, nesse sentido, ele é consistente, trata-se de fato constatado mesmo nos animais. É precisamente o que é antipático para a mentalidade, porque ela crê nisso, ter um corpo para adorar. É a raiz do imaginário.”

³⁸ *Op. cit.*, p.25.

³⁹ Es la traducción al español poco feliz, precisamente, del término *Leib-Körper*, que más bien correspondería a un “cuerpo de carne”.

⁴⁰ Husserl, Edmund, “Quinta meditación”, *Meditaciones cartesianas*, Tecnos, Madrid, 1986, págs. 146/7.

⁴¹ Miller, Jacques-Alain, *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*, Paidós, Argentina, 2003, págs. 371 a 400.

⁴² Estas notas foram impulsionadas a partir de uma conferência pronunciada nas Jornadas da ELP *Corpos escritos, corpos falados* realizadas em novembro de 2011 em Zaragoza, com o título “*Penso, logo se goza. O corpo e os gozos nos confins do simbólico*”. Publicada na Revista da ELP *EL PSICOANÁLISIS* número 21, Barcelona, 2012, e reproduzida com algumas variações na *Bitácora Lacaniana* número 2, Revista da NEL, 2013. O leitor pode encontrar ali uma versão maior (e prévia) ao que desenvolvi aqui.

⁴³ *Ibidem*, p.394.

⁴⁴ Lacan, Jacques, *O Seminário 23. O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p.64.

⁴⁵ Lacan, Jacques, *Le Séminaire, Livre XXIII*, Seuil, Paris, 2005, pág. 66.

Temos aqui dois estatutos do corpo: um que tem correspondência com a imagem que se adora, e o outro como algo que não se evapora e que Lacan põe em correspondência com o corpo animal.

Até aqui a tradução para o castelhano é perfeita. Mas, a seguir, surge uma variação possível na tradução. Assim, quando na versão em castelhano lemos “*Yo lo curo*, es decir, lo engordo, *luego, lo sudo*” e na versão francesa “*Je le panse*, c’est à dire, je le fais panse, *donc, je l’essuie*” entendo que há uma equivocidade a ser considerada.⁴⁶

Porque se bem que seja certo que ao escrever pensar (*penser*) com um *a* (*panser*), que pode traduzir-se por “remediar” ou “curar”, indicando assim que o pensamento é como um emplasto⁴⁷, creio que esta dimensão do pensamento, ligada ao imaginário, dilui essa outra dimensão do pensamento que não deixa de ter efeitos sobre o corpo real.

É a partir desta perspectiva que a outra tradução que me parece conveniente para manter as duas dimensões em jogo seria a que segue, e que traduz bem como o visceral, a pança está ligada ao pensamento: “*Yo lo panzo*, es decir, lo hago panza, *luego, lo sufro*.”⁴⁸ Porque Lacan joga aqui com o equívoco em francês entre “*pense*”, ou seja, “penso”, e “*panse*”, ou seja, “pança”. Por outro lado, “*essuie*”, pode traduzir-se por “sofro” e também “suo”. Neste caso creio que até poderia se dizer: “*Yo lo panzo, entonces, sudo la gota gorda*.”⁴⁹

Seja como for, o central é que aqui Lacan chega ao ápice desse movimento de reintrodução do corpo que o *cogito* cartesiano – lido na oposição e disjunção entre substância pensante e substância extensa – havia expulsado. Lacan não somente “...chega assim até levantar este último véu cartesiano e descobre, sob o ideal do pensamento, a *cruenza do gozo*”⁵⁰, mas também deixa sutilmente indicado um ponto de enodamento que é precisamente esse mistério, o do corpo falante, o mistério da união da palavra e do corpo sobre o qual continuaremos trabalhando rumo ao nosso próximo Congresso no Rio de Janeiro.

Tradução: Paola Salinas.

Mistérios do corpo infantil

Gabriela Medin

A clínica na interconsulta pediátrica nos oferece um campo de investigação privilegiado a respeito do tema do próximo congresso da Associação Mundial de Psicanálise, já que

⁴⁶ NT: Na versão em português temos: “*Eu o penso*, isto é, eu o faço penso, *logo eu o enssoufro*”. Todas as considerações a seguir dizem respeito as duas traduções possíveis ao espanhol. O que não ocorre na tradução em língua portuguesa.

⁴⁷ Cf. Miller, Jacques-Alain, *Piezas sueltas*, Paidós, Argentina, 2013, pág. 42.

⁴⁸ Op. cit. em nota 13, pág. 101, traducción de Graciela Esperanza.

⁴⁹ Em francês, existe uma diferença entre o verbo *panser* (colocar uma venda, remediar etc.) e *panse*, como substantivo, que é precisamente “pança” ou “ventre gordo”. (Cf. *Dictionnaire du Français Contemporaine*, Paris: Larousse, 1971). Que Lacan utilize na frase citada, primeiro o verbo e depois o substantivo, pode ser um argumento a favor da leitura que proponho.

⁵⁰ Op. cit. em nota 13, p.102.

nos possibilita um encontro com as questões e mistérios do corpo infantil, frente aos quais, a medicina descobre seus impasses.

O mistério do corpo humano é precisamente que não se trata de um organismo animado pelas leis da biologia, mas de um corpo falante, um corpo habitado pelos significantes. Na orientação lacaniana podemos afirmar que é a partir da marca do significante que se produz uma extração de gozo que mortifica o vivo, produz o objeto e faz da carne, corpo. Duas operações estão em jogo: significantização e corporização.

Em “Radiofonia”, Lacan diz: “Volto em primeiro lugar ao corpo do simbólico, que convém entender como nenhuma metáfora. Prova disso é que nada senão ele isola o corpo, a ser tomado no sentido ingênuo, isto é, aquele sobre o qual o ser que nele se apoia não sabe que é a linguagem que lho confere, a tal ponto que ele não existiria, se não pudesse falar”.⁵¹

Aí está o “mistério da união da palavra e do corpo”.⁵²

Pois bem, como acontece esse mistério? Como se constitui um corpo? Como se passa de ser a ter um corpo?

A clínica com crianças e adolescentes nos ensina que o corpo não é dado de entrada. Corpo e sujeito vão juntos, e em sua constituição, a variável temporal tem um papel. Contudo, como levar em conta a incidência da variável temporal sem cair na armadilha de considerar que somente se trata de uma questão de maturidade?

Não se chega a ter um corpo por um processo evolutivo senão através de uma experiência na qual está implicado o gozo, a satisfação da pulsão”⁵³.

Para pensar como incluir a variável temporal a partir da psicanálise, podemos tomar a afirmação de Lacan no *Seminário VI* em que ele diz que “a criança está presa entre o jogo de duas linhas, entre o enunciado e a enunciação. Na criança há algo que não está ainda definido na estrutura”⁵⁴. Quem trabalha com crianças sabe que “não é possível um trabalho analítico com a criança sem se perguntar, para cada criança, acerca do estado de efetivação da estrutura que apresenta”⁵⁵.

Ter um corpo dependerá do modo como imaginário, simbólico e real se enodam em cada sujeito. Trata-se, então, de montar essa bricolagem singular, a construção do corpo precisa de tempo; há tempos do corpo assim como há tempos de efetivação da estrutura.

Inicialmente, a criança depende do Outro para constituir-se como sujeito. É através do Outro que se acede à linguagem, através de um Outro encarnado que nomeia. É o discurso do Outro que o institui e também o traumatiza. São as marcas da lalíngua no corpo que constituirão o mais singular do sujeito e instalarão certo modo de gozo.

⁵¹ Lacan, J. “Radiofonia”. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003., p.406.

⁵² Miller, Jacques-Alain, “O inconsciente e o corpo falante”. In: *Scilicet. O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

⁵³ Bassols, M “Corpo da imagem e corpo falante”. Texto de orientação.
<https://www.congressoamp2016.com/uploads/05fe9655e5f681fe70e4389ab17a69d24666f237.pdf>

⁵⁴ Lacan J. Le Séminaire livre VI Le désir et son interprétation pag. 97. Éditions de La Martinière. Le Champ Freudien. 2013.

⁵⁵ Lacadée PH. “Le malentendu de l’ enfant” Pag 100. Editions Michèle. Paris.2010.

J A Miller dizia, no fechamento das II Jornadas do Instituto da Criança: “com as crianças intervimos mais perto de quando a lalíngua golpeia o corpo e se estabelecem circuitos de gozo que ainda não estão muito fixos”⁵⁶.

Nos tempos da infância podem haver acontecimentos que obstaculizem ou interrompam o trabalho do sujeito para fazer-se um corpo e nos quais o encontro com um analista permite que esse trabalho seja retomado.

Para refletir acerca do corpo na infância, tomarei duas vinhetas clínicas de crianças que tiveram um diagnóstico de uma doença grave, por vezes raras, que pode supor uma ameaça à sua vida, ou seja, casos em que algo da ordem do real se faz presente e convoca a resposta do sujeito.

Conheço Juan com 3 anos, sua mãe se mostra preocupada, ele tem dificuldades de participar em jogos físicos com outras crianças e não se integra às atividades na escola. Na consulta de reabilitação, é indicado que sua motricidade corresponde a uma idade inferior à idade cronológica. Efetivamente tem um tamanho pequeno e tem dificuldades no uso do seu corpo: não desce escadas, corre de forma um pouco desajeitada, não controla os esfíncteres. Contudo, os pediatras asseguram que estas dificuldades não estão relacionadas à síndrome de que sofre. Para a mãe de Juan o diagnóstico é um enigma, seu filho sofre de uma doença rara, mas que ainda não tem um nome para ela, nunca se lembra do nome. Está angustiada porque somente agora, quando o vê com outras crianças de sua idade, percebe que seu filho é diferente. Esmerou-se em seu cuidado porque o percebia “frágil e ameaçado”, deixou tudo para cuidar dele. Juan tuvo muchos ingresos en sus primeros años de vida, su madre se quedaba con él mientras el padre trabajaba. Juan teve muitas internações em seus primeiros anos de vida, sua mãe permanecia com ele enquanto o pai trabalhava. Ela se lembra daquelas internações como momentos de intensa angústia, nos quais se centrava em cumprir com os cuidados que os médicos recomendavam. Fazer-se um corpo depende da intervenção do Outro, encarnado no adulto significativo que toma para si os cuidados. Em casos como este, onde o corpo da criança toma de alguma forma valor de real para o Outro, convocando um ponto de insuportável, impossível de compreender, a libidinização se apresenta obstaculizada produzindo como efeito falhas na constituição do corpo. O sujeito pode responder ao real da doença precoce se há um Outro encarnado que o sustente. Vemos em Juan que as marcas do encontro com o real da doença em um momento em que não “tinha” um corpo deixaram no seu as marcas da fragilidade. O tratamento, no caso de Juan, supôs um trabalho de construção e produção de um corpo.

María tem 5 anos quando recebe o diagnóstico de um neuroblastoma, cujo tratamento inclui quimioterapia, cirurgia e transplante de medula óssea. Uma vez finalizado o transplante e acabando o tratamento, ela apresenta um sintoma inexplicável para os médicos: não consegue engolir nem sequer a própria saliva. Está o tempo todo pedindo toalhinhas com as quais seca a saliva que cai da sua boca. Fala pouco porque o sintoma é muito incômodo, são feitos todos os testes e uma causa orgânica é descartada.

Não há razões médicas para isso, mas Maria não engole, nada passa pela sua garganta.

⁵⁶ Miller J A. “ Interpretar al niño”. Discurso de Clausura de la II Journée de l’ Institut de l’enfant. Paris 2013.

Nos primeiros encontros escolhe brincar com massinha, faz formas, tubos longos e fininhos. Digo-lhe: - Hum, espaguetes! - Sim, com almôndegas, como as que minha vó faz. Ela se entusiasma e fazemos diferentes comidas de que gosta e brincamos de comê-las. Faço um pirulito e ela me diz: - Ui, que feio!! – Como? você não gosta de pirulitos? - pergunto com assombro. - Não, é o que sempre me davam no Hospital, depois de me espetarem”. Fala pela primeira vez das espetadas, dos tratamentos, do seu cansaço, de quanto sente falta dos seus amigos, começa a queixar-se. O sintoma começa a ceder, já engole sua saliva. Enquanto continuamos com as comidas, começo a fazer comentários sobre suas unhas, que traz sempre pintadas de diversas cores. Localizo seu interesse e o promovo. Maria se propõe a pintar as unhas de uma das auxiliares com a qual tem muita relação. A partir dali se transforma na esteticista da unidade: pinta as unhas, maquia, penteia. Maria se vivifica e começa a comer.

À diferença de Juan, no caso de Maria já havia corpo quando o diagnóstico sobreveio. Perante o encontro com o real da doença, respondeu com um sintoma.

No trabalho do caso a caso com as crianças, temos a oportunidade de localizar se essas marcas significantes aconteceram ou não, se houve acidentes ou interrupções, se há um percurso a ser feito, ou se este percurso já está feito.

A intervenção de um analista poderá interrogar e dar lugar aos mistérios do corpo infantil, levando em conta que, conforme o grau de efetivação da estrutura, segundo o modo como os três registros estejam enodados, conforme os aparelhos de gozo com os quais se conte para ler o mundo, será a resposta do sujeito frente ao encontro com o real da doença.

Tradução: Paola Salinas.

Shame o silêncio da pulsão

Dominique Carpentier

O filme *Shame*, de Steve McQueen, artista plástico e cineasta inglês, lançado em dezembro de 2011, coloca em cena Brandon, *sexual addict* nova-iorquino. É interessante retomar alguns pontos desse filme, para ilustrar o que diz Jacques-Alain Miller: «Nada mostra melhor a ausência de relação sexual *no real* do que a profusão imaginária de corpos envolvidos em se dar e em receber»⁵⁷ Brandon, interpretado de modo excepcional por Michael Fassbender, faz a demonstração disto. Sua vida é ritmada por sua compulsão por olhar sites pornográficos e presentear-se com serviços tarifados para relações sexuais sem afetos ou falas. Ele é *Um sozinho* perdido em um cotidiano repetitivo, sem relevo, vazio, assim como seu apartamento, frio e imaculado.

⁵⁷ Miller J.-A., « L'inconscient et le corps parlant », *Le réel mis à jour, au XXI^e siècle*, AMP WAP, Paris, Collection rue Huysmans, 2014, p. 307.

Encerrado em um gozo Uno devastador, ele se extrai do laço social, ainda que seja inserido no mundo da finança que ele promove. Além dessa compulsão sexual na qual deve se esgotar, sob pena de sofrer de insônia, ele corre, nada mais pode fazer senão correr, a perder o fôlego, muitas vezes sem destino, na Nova-Iorque que se descobre diferente, Nova-Iorque circunscrita a Manhattan, justaposição de lugares vazios e transparentes, tal como o hotel em que os quartos são igualmente vitrines que exibem casais fazendo amor. Esse homem que diz muito pouco, quase nada, de seus afetos, os traduz pelo silêncio. Belíssimo homem, ele teria « tudo » para agradar, se não fosse essa ferida que se descobre, uma dolorosa história familiar, da qual ele tenta escapar e que lhe retorna sob a forma do retorno de sua irmã, que lhe pede um teto, conversas e atenção. Essa jovem mulher revela-se como o que restitui a “humanidade” a esse irmão que não tem mais ideal, contudo necessário para manter os semblantes. Sugere-se em filigrana uma relação incestuosa entre ele e a irmã, ambos sem filiação, sem família e no entanto unidos por uma história comum.

Shame, que significa «vergonha», mas também, na expressão inglesa *What a shame !*, «lamentável», revela a distância entre o isolamento e a solidão. Por que o herói não escolhe o encontro amoroso? Este fracassa a partir do momento em que o «sentimento» entra em jogo. No entanto, nesse filme duro, o prazer é manifesto para todos, os atores assim como o espectador, na bela cena do restaurante, em que um garçon empreendedor, um pouco especial, devo dizer, vem alimentar o começo de um diálogo amoroso entre Brandon e sua colega de escritório. Ela lhe diz, olhando os outros casais que jantam nesse restaurante: «Os casais que vivem coisas juntos estão «conectados», talvez ao preço de sequer se falar». É o que ela gostaria, essa conexão que não há e que exige um véu sobre o real para permitir o laço. Ao ceder às investidas de seu colega, ela encontra o que já conhece, o mal-entendido e o fracasso, quando nosso herói se encontra despossuído de sua potência, aqui rebaixada a uma disfunção física, logo apagada por outro encontro sexual na sequência, mas desta vez pago, em nenhum afeto.

O silêncio que gira em torno da pulsão torna-se delicado, a música muito presente também se torna pontuação da dificuldade, para cada um, de encontrar o outro, em um mundo no qual o laço social não se sustenta mais sem os semblantes. O artigo de Alain Merlet, « La gloire et la honte »⁵⁸, nos ensina sobre o que, no mais íntimo do sujeito, o reduz a seu ser para a morte, seu ser para o gozo. Esse magnífico ator, ao longo da narração, perde sua soberba para, na penúltima cena, «jogar» a morte na busca frenética de um gozo que se revela sempre vã e inesgotável. A tentativa de suicídio da irmã do herói obriga-o a um «estar aí» que ele abomina. No momento em que o pior adveio, em que ele se perde nessa busca de um gozo fálico do qual se torna escravo, é o suicídio do outro, da única que conta um pouco, sua irmã, que provoca uma interrupção, talvez fugaz, em seu «ser-para-a-morte». Nessa história sem palavra, a possibilidade de fazer outra coisa que não «correr atrás da morte» está em perspectiva: recolocar o desejo em funcionamento, ali onde a adição pelo sexo e pelo gozo do corpo arrastam para o pior, reduzindo o sujeito a seu corpo, dado ou tomado, puro objeto. Se não há relação sexual, há o gozo, que é preciso poder manter à distância para não se danificar aí, e isto seria, talvez, para Brandon, acreditar (um pouco) no amor, isto é, nos poderes da palavra.

Tradução: Teresinha N. Meirelles do Prado.

⁵⁸ http://www.psychanalyse67.fr/accueil/myFiles/70_72679I53BB.pdf

Equipe de tradução

Do Italiano: **Ana Paula S. Lorenzi**

Do Espanhol: **Paola Salinas**

Do Inglês: **Veridiana Marucio**

Do francês: **Teresinha N. M. Prado**

(coordenação e revisão)

Responsável pela versão

brasileira dos *Papers*:

Luiz Fernando Carrijo da Cunha

Equipe de tradução

Do Italiano: **Ana Paula S. Lorenzi**

Do Espanhol: **Paola Salinas**

Do Inglês: **Veridiana Marucio**

Do francês: **Teresinha N. M. Prado**

(coordenação e revisão)

Responsável pela versão

brasileira dos *Papers*:

Luiz Fernando Carrijo da Cunha